



DOSSIÊ – Desafios contemporâneos

O jornal estudantil do período de 1964-2013 como fonte de pesquisa em formato digital no acervo do Centro de Memória e Arquivo da FCM-Unicamp

Ivan Luiz Martins Franco do Amaral
Mestrando em Saúde Coletiva - Unicamp
ivanfa@unicamp.br

Rodrigo Lizardi de Souza
Biblioteconomista do SIARQ - Unicamp
rlizardi@unicamp.br

Raíssa Malto Antunes
raissa.malto@gmail.com

Rosana Evangelista Poderoso
Doutora em Ciências da Saúde - Unicamp
rosanae@unicamp.br

Como citar este artigo: Amaral, Ivan Luiz Martins Franco et al. “O jornal estudantil do período 1964-2013 como fonte de pesquisa em formato digital no acervo do Centro de Memória e Arquivo da FCM-Unicamp”. *Khronos, Revista de História da Ciência*, nº 7, pp. 56-66. 2019. Disponível em <<http://revistas.usp.br/khronos>>. Acesso em dd/mm/aaaa.

Resumo: Este artigo é o estudo completo da apresentação realizada no 2º Congresso de História da Ciência e da Técnica: Desafios Contemporâneos. Os arquivos históricos apresentam um papel fundamental no desenvolvimento e surgimento das pesquisas históricas. A utilização de ferramentas tecnológicas e o trabalho de resgate de acervos de documentação primária são exemplos de desafios contemporâneos das pesquisas. O objetivo deste trabalho é apresentar e descrever a inserção do conjunto documental *O Patológico* na coleção do Centro de Memória e Arquivo da FCM-Unicamp, em parceria com o Arquivo Central da Unicamp e Biblioteca da Faculdade. Desta parceria, resultou a digitalização de todo o conjunto em PDF/A pesquisável, em formato de preservação digital – este padrão promove agilidade de acesso ao documento para o usuário.

Palavras-chave: arquivos históricos, história da medicina, estudantes de medicina, texto estudantil, PDF/A.

The student newspaper from 1964 to 2013 as a digital form source of research in the collection of the Center of Memory and Archive of FCM-Unicamp.

Abstract: This article is the complete study of the presentation held at the 2nd Congress of History of Science and Technique: Contemporary Challenges. Historical archives have a key role in the development and article of historical research. The use of technological tools and the work

of retrieving collections of primary documentation are examples of contemporary research challenges. The objective of this work is to present and describe the insertion of the documentary set “O Patológico” under the collection of the Center of Memory and Archive of FCM-Unicamp, with the Central Archive of Unicamp and College Library partnership. This partnership brought the ability to provide the scanned documents of the whole set in searchable PDF/A, in digital preservation format - this type promotes better and faster document’s access for the user.

Keywords: historical archives, history of medicine, medical students, student text, PDF/A.

Introdução

O Centro Acadêmico Adolfo Lutz (CAAL) é a entidade máxima de representação dos estudantes de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp (FCM/Unicamp) e foi fundado apenas dois dias após a fundação da FCM/Unicamp, em 22 de maio de 1963. O CAAL carrega em sua história uma série de realizações em mudanças políticas e educacionais da própria faculdade. São notórias: campanha para a instalação no campus da universidade de um hospital-escola, que culminou na construção do Hospital de Clínicas - HC/Unicamp em 1964; campanha para vacinação Sabin em 1964; processo de institucionalização da Unicamp na década de 1980; articulou na década de 1990 o movimento pela conquista do Hospital Estadual de Sumaré que passou a ser gerenciado pela FCM/Unicamp e, conseqüentemente, disponibilizado como campo para ensino dos cursos da faculdade; nos anos 2000 participou ativamente no processo de reforma curricular do curso médico da Unicamp.

De modo a registrar tais movimentações foi criado em 30 de outubro de 1964 no CAAL o jornal *O Patológico*, primeira publicação da Unicamp, registrando a partir do ponto de vista dos alunos, informações referentes ao pensamento e relação do corpo discente com a universidade em diversos períodos, servindo como fonte de pesquisa para a trajetória do curso de medicina dentro da Unicamp – assim, a preservação do jornal é imperativa, já que representa parte da memória coletiva dos alunos da FCM.

Tendo em vista a importância desse conjunto de documentos, o Centro de Memória e Arquivo (CMA) da FCM/Unicamp iniciou, junto ao CAAL, um trabalho que objetivou o resgate e a preservação desta memória. Desta maneira, o acervo foi transferido para o CMA, onde passou por uma avaliação, pela conservação preventiva/ higienização e, posteriormente, pela organização e catalogação. Neste processo, o Sistema de Arquivos da Unicamp (SIARQ) se juntou ao CMA para a digitalização do acervo. Desta associação, o CMA proveu o acervo e o SIARQ à tecnologia para transformar os documentos físicos em arquivos digitais, que seriam colocados em um repositório online para que pudessem ser consultados pela comunidade – este processo, além de ampliar o alcance destes documentos, também é crucial para a preservação destes, já que o constante manuseio dos papéis causa danos irreversíveis ao material.

Figura 01 – Primeira Edição do *O Patológico*, 1964.



A importância de arquivos digitais para o historiador

Desde a invenção do computador, historiadores teorizam sobre qual será o papel dos avanços tecnológicos dentro do campo histórico – e indo além, em como esses avanços irão mudar o modo como a narrativa histórica é construída. Na década de 1970 se começou a discussão sobre quais seriam as transformações sofridas pelas fontes históricas por conta do intermédio do desenvolvimento tecnológico. Pedro Telles da Silveira, em seu artigo “As fontes digitais no universo das imagens técnicas: crítica documental, novas mídias e os estatuto das fontes históricas digitais”¹, coloca François Furet, historiador francês, como um dos principais teóricos que abordaram essa questão: o receio de Furet, quando os computadores começaram a serem usados para armazenar dados históricos, era de que seria necessário aplicar uma crítica documental diferentes aos dados neles contidos.

¹ SILVEIRA, Pedro Telles da. As fontes digitais no universo das imagens técnicas: crítica documental, novas mídias e o estatuto das fontes históricas digitais. *Antíteses*, [s.l.], v. 9, n. 17, p.270-296, 6 set. 2016. Universidade Estadual de Londrina.

Para o historiador francês, a constituição de novos arquivos através das fitas perfuradas – era como a tecnologia de sua época armazenava dados – ocasionaria numa leitura diferente, pois ela seria numérica. Como em sua visão o papel do computador seria apenas extrair dados, teorizava que isso deixaria de lado outros aspectos muito caros aos historiadores quando se trata da análise de documentos: o suporte do documento, o grau de desgaste, qual seu uso em sua própria época e o conteúdo em si. Com os avanços tecnológicos, no entanto, muitos destes desafios foram superados – agora o computador é capaz de recriar, em seus mínimos detalhes, as imagens e a materialidade das fontes. Se antes o computador era visto apenas como a máquina que computava – demonstrando o limite técnico da época e, conseqüentemente, o limite da teorização dos novos suportes de arquivos – hoje ele pode ser usado livremente na pesquisa histórica. Com o alcance que a internet disponibiliza, por exemplo, é possível acessar documentos históricos em repositórios de grandes universidades e arquivos.

Ainda que a visita pessoal ao acervo de determinado documento seja necessária na pesquisa histórica, a consulta online desses documentos atualmente é quase imprescindível, já que ela mostra quais os documentos disponíveis, indicando ao historiador se ele conseguirá encontrar o que procura. Assim, com as buscas cada vez mais refinadas e com os catálogos digitais em constante crescimento, muito tempo da pesquisa histórica é economizado. Portanto, a introdução de fontes históricas digitais não é mais, necessariamente, compreendida como uma transformação das fontes históricas no geral; mas sim um acréscimo ao já grande número de fontes históricas – de documentos textuais a músicas e filmes.

Para exemplificar como a presença dos documentos digitais atualmente na pesquisa histórica já é quase mandatória, é necessário apenas observar o uso dos arquivos .pdf – os *portable document files*. A maior parte dos historiadores – e muitos outros pesquisadores de outras áreas – utilizam de tal suporte para suas pesquisas. E como era feito anteriormente, continua necessário se atentar a autenticidade do texto ou imagem; agora é preciso consultar a cópia do suporte físico. Assim, com o amplo uso dos novos suportes de documentos, os arquivos históricos acompanham o tempo da modernidade, em que quase tudo está ao alcance de uma conexão com a internet – quebrando, então, barreiras físicas para a pesquisa histórica e diminuindo desigualdades no acesso à informação. Por isso a importância da digitalização de acervos: além da preservação da memória, a acessibilidade é fundamental.

Organização e conservação do acervo.

Como a maior parte da documentação que chega aos arquivos, o material doado pelo CAAL ao CMA não estava organizado de acordo com algum tipo de critério. Acumuladas ao longo dos anos dentro do Centro Acadêmico, as edições do jornal *O Patológico* – e outros materiais que eventualmente circularam juntos a publicação – necessitaram ser ajustadas a uma ordem cronológica. Após a documentação ser pautada pela data, houve a contagem de quantas edições

havia de cada exemplar, quais estavam faltando (e a subsequente investigação sobre onde esse material poderia ser achado para que o fundo arquivístico fosse completo) e quais eram os materiais extras presentes.

Com essa análise, percebeu-se, como é muito comum em uma documentação que cobre décadas (o jornal começa em 1964 e sua última publicação foi feita em 2013), que ao longo dos anos o formato, o modo e o quê os alunos publicavam oscilou bastante. Por exemplo: há uma publicação extra que se chama *Spasmo!*, também produzida pelo Centro Acadêmico; nele, os alunos se expressavam de forma artística, publicando poesias, textos reflexivos, desenhos e conteúdos afins. Ao analisarmos o material, foi possível perceber que o *Spasmo!* era distribuído junto do jornal, as vezes de maneira independente, as vezes como uma sessão dentro d'*O Patológico*. Dessa forma, ficou claro que seria necessário incorporá-lo ao arquivo referente ao jornal. Caso similar aconteceu ao *Diário do Olimpo*, publicação distribuída junto ao jornal na década de 1990, e um terceiro título teve que ser criado para acomodar o material informativo feito pelo CAAL.

Assim, chegamos a três títulos que compõem o acervo doado pelo CAAL: *O Patológico*, *Spasmo!* e *Diário do Olimpo*. A decisão de mantê-los separados se deve a uma característica da documentação própria dos acervos: recomenda-se que uma documentação permanente seja organizada através de critérios de classificação e de ordenação. O objetivo da primeira é “dar visibilidade às funções e às atividades do organismo produtor do arquivo, deixando claras as ligações entre os documentos”², enquanto a função da ordenação é “facilitar e agilizar a consulta aos documentos, pois, mesmo no que se refere a uma mesma atividade, e em relação a um mesmo tipo documental, os documentos atingem um volume significativo.”³ A complementaridade dessas duas formas de organização é importante para a compreensão da organicidade da documentação – ou seja, como ela foi formada e como os documentos se relacionam entre si – e para que a consulta ao material possa ser feita facilmente. Ao manter-se os três títulos organizados de forma cronológica, é possível cruzar referências das publicações, compreendendo como foram distribuídas, mas ainda mantendo a unidade de cada publicação. De acordo com o manual *Como Classificar e Ordenar Documentos de Arquivo*, disponível no site da Associação de Arquivistas de São Paulo:

Nenhum documento de arquivo pode ser plenamente compreendido isoladamente e fora dos quadros gerais de sua produção - ou, expresso de outra forma, sem o estabelecimento de seus vínculos orgânicos. Por consequência, a classificação torna-se condição para a compreensão plena dos documentos de arquivo – tanto a perspectiva de quem os organiza como de quem os consulta.⁴

² GONÇALVES, Janice. *Como classificar e ordenar documentos de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998, p. 12.

³ *Ibid.*, p. 12.

⁴ *Ibid.*, p. 13.

Após essas considerações sobre a documentação, deu-se início ao processo de higienização e conservação preventiva. Estas são medidas que visam desacelerar a degradação do material através do controle do meio ambiental (temperatura e umidade) e tratamentos específicos à documentação (onde é acondicionado, a higienização e pequenos reparos, quando possível). Para entender como se dá esse processo, é preciso saber quais são, então, os maiores fatores ambientais que provocam a aceleração da degradação dos documentos: considerando que, neste caso, o material que recebemos no arquivo é papel, deve-se levar em conta a temperatura, a umidade relativa do ar e agentes biológicos.

Controlar a temperatura de onde se localiza o acervo é fundamental: a cada 10°C, a velocidade de muitas reações químicas é dobrada; incluído a do processo de deterioração. O mesmo acontece quando a umidade relativa do ar se encontra excessivamente alta: além de desencadear reações químicas, aumentam as chances da formação de colônias de fungos nos documentos. Já a situação oposta, com temperaturas e umidade muito baixas também provocam reações indesejadas à documentação: o papel apresenta distorções e fica ressecado. De acordo com manuais disponibilizados pela Associação de Arquivistas de São Paulo, o ideal é que a temperatura seja mantida em 20°C e a umidade relativa do ar de 45% a 50%⁵. Como a sala de arquivo disponível no CMA tem os aparelhos necessários para monitorar tais parâmetros, estas são as condições aproximadas de temperatura e umidade relativa do ar em que condicionamos a documentação do CAAL.

Outro fator ambiental que pode provocar a deterioração dos documentos é a radiação da luz. Como toda fonte de luz emite algum tipo de radiação, podendo a luz ser natural ou artificial, esta acaba provocando danos pela oxidação. O que vemos como consequência a essa exposição do material: papel se torna frágil e quebradiço, com manchas amarelas e escuras, as tintas começam a desbotar ou mudar de cor – e como tais danos são irreversíveis e podem fazer com que documentos fiquem ilegíveis, é imprescindível se atentar ao condicionamento do material. A sala do acervo histórico apresenta *insulfilm* em suas janelas, e são constantemente mantidas fechadas – reduzindo, então, a exposição à luz e o contato com ambientes externos, que podem eventualmente trazer agentes biológicos (como fungos, insetos e roedores) – e o material, guardado na sua maior parte em caixas, é exposto a luz apenas quando consultado.

Visto que o material que foi recebido não estava acondicionado sob as circunstâncias ideais, o processo de deterioração dos exemplares das primeiras décadas da publicação estava evidente: muitas folhas amareladas, quebradiças e com manchas. Ainda assim, a documentação estava legível e sem maiores danos – como a presença visível de fungos ou com mordidas de roedores – e, por isso, foi possível intervir para a estabilização do documento; isto é, performar certas ações no material para evitar que ele seja perdido. Para interromper a deterioração, então,

⁵ Informações técnicas extraídas do manual - CASSARES, Norma Cianflone. *Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas*. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2000.

recomenda-se que o material seja higienizado e que, quando possível, pequenos reparos sejam feitos.

Como o material não apresentava grandes danos foi possível executar a higienização mecânica com as ferramentas disponíveis. Foi feita, portanto, a seco – em outras palavras, não usando qualquer tipo de solvente – e visando a redução da poeira, de partículas sólidas, incrustações, resíduos de excrementos de insetos ou quaisquer outros depósitos de superfície.

Assim, cada página da documentação foi tratada individualmente; o material usado na maior parte do tempo foi o pincel ou trincha, o bisturi, o extrator de grampo e borrachas. A trincha – cujas cerdas são de material de pH neutro – foi passada em cada folha; os outros materiais foram usados quando a página apresentava alguma avaria. Como muitos dos exemplares vieram grampeados, a ferrugem que os grampos apresentavam também estava nos papéis – o extrator, então, era usado para retirar os grampos e o bisturi para raspar a oxidação. Já a borracha foi passada em páginas mais escuras, com depósitos de poeira e outros materiais desconhecidos. Eventualmente, alguns jornais mais frágeis não puderam passar por todo o processo: como em boa parte da década de 1980 *O Patológico* foi veiculado em um papel muito fino, não foi possível raspar alguns dos exemplares com o bisturi, por exemplo, mesmo que ficasse evidente a oxidação no papel. Nestes casos, a prioridade foi manter a legibilidade do documento.

Após este extenso processo – ainda que a higienização tenha se mostrado relativamente simples, a documentação é volumosa – o material foi finalmente enviado para a digitalização, retornando após para ordenação por ano.

Digitalização, formato e acesso.

O que é a digitalização, segundo CONARQ, 2010.

Entendemos a digitalização como um processo de conversão dos documentos arquivísticos em formato digital, que consiste em unidades de dados binários, denominadas de *bits* - que são 0 (zero) e 1 (um), agrupadas em conjuntos de 8 *bits* (*binary digit*) formando um *byte*, e com os quais os computadores criam, recebem, processam, transmitem e armazenam dados.

De acordo com a natureza do documento arquivístico original, diversos dispositivos tecnológicos (*hardware*) e programas de computadores (*software*) serão utilizados para converter em dados binários o documento original para diferentes formatos digitais. No entanto, o produto dessa conversão não será igual ao original e não substitui o original que deve ser preservado.

A digitalização, portanto é dirigida ao acesso, difusão e preservação do acervo documental⁶.

A informação em formato digital, quebra a barreira do espaço físico, facilitando o acesso e potencializando a disseminação do documento, como é o caso d'O *Patológico*.

A digitalização é uma das ferramentas essenciais e atuais ao acesso e à difusão dos acervos arquivísticos, além de contribuir para a sua preservação, uma vez que restringe o manuseio aos originais, constituindo-se como instrumento capaz de dar acesso simultâneo local ou remoto aos seus representantes digitais (conforme CONARQ, 2010).

Moreira, 2007 cita que “a digitalização isoladamente ainda não é vista como uma solução para preservação de documentos”⁷ doze anos depois os conceitos se ajustaram, as padronizações de formatos consolidam, e já se pode afirmar o uso da digitalização de documentos digitais de longo prazo para preservar o original.

Segundo a CONARQ, 2010. A digitalização tem como benefícios:

- melhorar o **acesso à informação**;
- permitir o **intercâmbio de acervos documentais** e de seus instrumentos de pesquisa por meio de redes informatizadas;
- promover a **difusão e a reprodução dos acervos arquivísticos não digitais**, em formatos e apresentações diferenciados do original;
- **auxiliar na preservação e na segurança** dos documentos originais que estão em suportes não digitais, por reduzir seu manuseio.

A parceria entre FCM e SIARQ foi ao encontro às recomendações da CONARQ, onde:

os gestores das instituições arquivísticas e os demais profissionais envolvidos deverão levar em consideração os custos de implantação do projeto de digitalização, compreendendo que um processo como este exige necessariamente um planejamento com previsão orçamentária e financeira capazes de garantir a aquisição, atualização e manutenção de versões de *software* e *hardware* a adoção de formatos de arquivo digitais e de requisitos técnicos mínimos que garantam a preservação e a acessibilidade a curto, médio e longo prazo dos representantes digitais gerados⁸.

Neste contexto o SIARQ já possuía toda a infraestrutura de equipamentos de *scanners*, software especializados e pessoal qualificado na área de projetos de digitalização, capacitando

⁶ CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS - CONARQ. *Recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes*. Brasil: CONARQ, 2010, p. 05-06.

⁷ MOREIRA, Alexandra et al. *Digitalização de manuscritos históricos: a experiência da Casa Setecentista de Mariana*. Ci. Inf. [online]. 2007, vol.36, n.3, p. 98.

⁸ CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS - CONARQ. *Recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes*. Brasil: CONARQ, 2010, p. 04.

assim a estagiária da FCM, a qual operou a captura das imagens (digitalização) e a migração de formatos de captura, sendo utilizado o JPEG (*Joint Photographic Experts Group*) 300dpi migrando para o OCR (Reconhecimento Ótico de Caracteres), transformando imagem dos jornais em texto pesquisável.

Padrão de digitalização: PDF/A

O formato final que foi adotado para o jornal foi o PDF/A (Portable Document Format / Archive - ISO 19005-1:2005 Document management - Electronic document file format for long-term preservation), que está sendo utilizado como opção de guarda e acesso dos documentos digitalizados neste projeto, incluindo o uso do ABBYY FineReader (OCR), formato de software de OCR que permite pesquisa de conteúdo do documento, facilitando a localização de assuntos tratados quando se trata de documentos textuais digitalizados.

CONARQ, 2016, Cita que

O formato PDF/A atende à produção dos documentos textuais e imagéticos paginados, permitindo manter sua forma fixa e conteúdo estável.

As características do PDF/A tem incentivado o seu crescente uso pelas organizações, governos e pessoas. No Brasil, o PDF/A é um dos formatos de arquivo adotados pelo governo federal, previsto nos Padrões de Interoperabilidade de Governo Eletrônico (e-PING).

A Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos – CTDE, no intuito de orientar os órgãos e entidades integrantes do Sistema Nacional de Arquivos – SINAR/CONARQ, vem por meio desse documento, fornecer subsídios para a melhor utilização do PDF/A⁹.

Conforme o Jusbrasil apud TRT24

O padrão “PDF-A” é um formato de PDF desenvolvido pelo Adobe Systems (com direitos autorais cedidos), denominado *Archive*, que possui embutido no próprio arquivo, todas as suas características, ou seja, qualquer leitor de PDF não precisará utilizar fontes externas ao arquivo para abri-lo. Existem diversas versões de PDF/A - 1, 1a, 1b e 2, todas são implementações de novas funcionalidades¹⁰.

O formato PDF/A viabiliza toda a preservação digital e possibilita uma boa disseminação, apesar de deixar o documento digital com maior número de *meças*, pois carrega as fontes tipográficas, tornando mais demorado o processo de captura e de *download* pelo usuário, mas

⁹ CONARQ/CTDE. **Recomendações de uso do PDF/A para Documentos Arquivísticos**. Orientação Técnica nº 4. Outubro de 2016, p. 02.

¹⁰ JUSBRASIL. *PJe-JT: dicas para encaminhar petições em formato PDF-A*. Disponível em: <<https://oabms.jusbrasil.com.br/noticias/112218818/pje-jt-dicas-para-encaminhar-peticoes-em-formato-pdf-a>>. Acessado em: 20 mai 2019.

diminuindo os custos de armazenamento em um único formato que na digitalização é usado o arquivo para preservação e para acesso. Em alguns projetos de digitalização é adotado como padrão a imagem matriz em TIFF e para acesso o PDF/Pesquisável, porem esse padrão requer a manutenção de dois formatos distintos, muitas vezes podendo inviabilizar o projeto.

A resolução da digitalização determina à qualidade da visualização do documento e também a qualidade do software “entender” a imagem e transformar em texto, pois isso é necessário que esse processo seja definido e neste projeto foi usada à digitalização em 300dpi (dots per inch), *color*, para deixar o documento mais próximo ao original e essa resolução foi satisfatória para o Jornal, e quanto maior o número de *dpi*, mais isso pode impactar no armazenamento de *storages* (armazenamento), porem os testes neste projeto determinaram tal resolução. Todo o processo de digitalização, antes mesmo de efetuar qualquer digitalização, faz necessário que a documentação seja higienizada rigorosamente, para que sujeiras, grampos e outros não danifiquem os *scanners*.

A utilização da matriz em *JPEG* (ou *JPG*) foi adotada, pois é o formato de imagem mais comum usado por câmeras digitais e outros dispositivos de captura de imagem, além de ser um formato de baixa compressão pouco perceptível na perda de qualidade da imagem, já que seria migrado para o PDF/A, como citado acima.

O projeto levou em consideração recomendações do CONARQ e de outras instituições no que se refere a padrões de formatos, utilizou-se a literatura específica na área de digitalização de documentos textuais, especificamente o CONARQ, 2010.

Considerações Finais.

Esse artigo relata a importância da digitalização do acervo de um jornal universitário, contribuindo para a preservação da memória, onde a digitalização, seguindo normas estabelecidas vem para, melhorar o acesso à informação, permitir o **intercâmbio de acervos documentais** e de seus instrumentos de pesquisa por meio de redes informatizadas; promover a **difusão e a reprodução dos acervos arquivísticos não digitais**, em formatos e apresentações diferenciados do original; **auxiliar na preservação e na segurança** dos documentos originais que estão em suportes não digitais, por reduzir seu manuseio.

O processo de higienização e conservação preventiva, também, são medidas que visam desacelerar a degradação do material através do controle do meio ambiental (temperatura e umidade), sendo que a documentação original (papel) deve ser preservada e mantida em condições ideais para sua longa duração.

Todo este processo de conservação e disponibilização do acervo viabiliza a preservação da memória estudantil e estimulam as pesquisas acadêmicas. Um trabalho de iniciação científica com docente da área de saúde coletiva, em conjunto com acadêmico de medicina e profissionais do CMA/FCM foi iniciado com o objetivo de analisar os temas apresentados nos periódicos acadêmicos. A análise busca destacar as temáticas em bioéticas e seus desdobramentos nos artigos existentes no periódico do CAAL.

Portanto, com uso padronizado das tecnologias aos acervos documentais e a preservação dos originais, novos conhecimentos científicos e históricos são estimulados e acessados mais facilmente pelos pesquisadores.